

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
22 de setembro de 2022

O RECADO / 1971

um filme de José Fonseca e Costa

Realização e Argumento: José Fonseca e Costa / **Direcção de Fotografia:** Roberto Ochoa / **Música:** Rui Cardoso / **Som:** Vasco Pedroso, José Barahona e Quintino Bastos / **Montagem:** José Fonseca e Costa / **Interpretação:** Maria Cabral (Lúcia), José Viana (Maldevivre), Paco Nieto (Francisco), Luís Rocha (António), Luís Mariani (Leão de Pedra), António Beringela (Beringela), Luís Barradas (o Tosco), Alvaro Santos (Cara de Homem), Paula Ferreira (Ana), Constança Navarro (mãe), Adelaide João (irmã de Francisco), António Polónio (Polónio), etc.

Produção: Unifilme – Centro Português de Cinema / **Director de Produção:** Henrique Espírito Santo / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, DCP, colorida, falada em português, 110 minutos / **Estreia:** Vox, a 24 de Março de 1972.

Sessão com apresentação

O Recado foi a primeira longa-metragem de José Fonseca e Costa, que como muitos realizadores lançados no élan do “cinema novo” português fizera a mão na publicidade e no documentário, e contactara de perto com nomes importantes da cinematografia mundial - no caso de Fonseca e Costa, Antonioni, de quem foi assistente, e de cujo cinema, muito admirado pelo português, **O Recado** não deixa de exibir algumas influências mais ou menos expressas.

Pode-se utilizar o nome de Antonioni, mais ainda pela legitimação fornecida pela confessa admiração de Fonseca e Costa pelo cineasta italiano, para tentar explicar alguma coisa de substancial em **O Recado**, da sua estrutura elíptica ao retrato da personagem feminina principal (Maria Cabral), passando por uma certa maneira de entrelaçar o espaço e o tempo, e de os transformar num manto que envolve as personagens tanto quanto fala por si próprio. Avançando por aí, talvez se ficasse, no entanto, apenas por uma parte. Tão ou mais importantes do que a influência antonioniana (que é certa, e provavelmente nunca foi tão evidente em todo o conjunto da obra de Fonseca e Costa) são as próprias condições (e condicionamentos) do contexto em que **O Recado** foi gerado, e do contexto em que o filme pretendia actuar. Trata-se, evidentemente, de um filme plenamente integrante de um “cinema português pré-Abril 1974”, entendendo por aí menos a circunstância (óbvia) da época em que foi realizado e mais o facto, de como outros, **O Recado** estabelecer um desencantado “estado das coisas”, e desenhar uma aridez que tanto corresponde a uma “radiografia” como a uma “suspensão”. Quando se vê hoje **O Recado** tem-se, naturalmente, o benefício retrospectivo de se saber o que viria a acontecer nos anos a seguir, mas é inevitável ver na sua abertura e na sua suspensão o sinal de uma

inevitabilidade – *alguma coisa* teria que acontecer, mais tarde ou mais cedo. Em 1971 talvez não fosse possível era ter um vislumbre da hora certa para essa *alguma coisa* – e o filme não podia acabar como apenas três anos mais tarde Fernando Matos Silva fez acabar **O Mal Amado**: com um plano do tiquetaque de um relógio, prestes a bater *na hora certa*. Mas de alguma maneira – seguramente menos eufórica – é numa suspensão semelhante que **O Recado** se encerra. E é exactamente nesse sentido que deve ser entendida a sua pertença a um “cinema português pré-Abril 1974”.

Foi nesse quadro, naturalmente condicionador da possibilidade de expressão, que Fonseca e Costa pôde desenvolver o seu filme, e julgamos que essa circunstância é pelo menos tão importante na definição do filme como o interesse por uma textura elíptica e difusa de matriz antonioniana. Em **O Recado** quase tudo funciona por alusão: as misteriosas manobras semi-gangsterizadas, que tanto remetem para a polícia política como para as actividades necessariamente furtivas dos opositores do regime, certos diálogos das personagens (mormente no caso do Maldevivre de José Viana, espécie de âncora essencial ao discurso político do filme), o próprio cansaço – Fonseca e Costa falou na “desistência” e nos “desistentes” como tema importante em **O Recado** – imposto por um statu quo com o peso de décadas (a sequência da festa, logo ao início, é elucidativa de uma afastamento, e quase “antonionamente” de uma “alienação”), e ainda as oposições de classe, expostas de maneira especular ao longo do filme e através de várias cenas (o discurso do camponês, em registo de algum modo “documental”, tem um valor tão expressivo como simbólico).

Ver **O Recado** hoje é encontrar um país desertificado e desertificador – um “deserto de almas” onde a paisagem tem correspondência directa no desalento esvaziador que, por umas razões ou por outras, ameaça as personagens. E encontrar, no centro desse deserto, o rosto luminoso, indefinível, grave, vulnerável, de alguém que parece capaz de encarnar todos os conflitos silenciosos de um país em luta consigo próprio – o rosto de Maria Cabral.

Luís Miguel Oliveira